

RESUMO EXPANDIDO

O ESPAÇO MUSEAL NA ESCOLA COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO: RELATO DE ESTÁGIO SOBRE O ENSINO DA CERÂMICA MARAJOARA E ICOARACIENSE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Celso Alexandre Amaral Nunes¹

Erik Artur Cortinhas Alves²

Ivson de Sousa Ribeiro³

Rita de Cássia Cabral Rodrigues de França⁴

Junia de Barros Braga Vasconcelos⁵

RESUMO

Este estudo apresenta o relato de estágio supervisionado em Artes Visuais realizado na Escola de Aplicação da UFPA, entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026, inserido no projeto "Poéticas Modernas na Amazônia: O grupo Neomarajoara". O objetivo foi compreender a importância de um espaço expositivo na escola para o ensino da cerâmica marajoara e icoaraciense, a partir de uma experiência pedagógica com turmas do 4º ano do ensino fundamental. A metodologia qualitativa envolveu pesquisa bibliográfica, visita ao Pólo Ceramista de Icoaraci, aquisição de peças, elaboração de plano de aula baseado na Abordagem Triangular e regência com mediação cultural. Os resultados indicam que a exposição "Mãos que Contam Histórias" favoreceu a valorização da identidade regional, a compreensão dos grafismos e a expressão artística dos alunos, superando a limitação de acesso a museus. Conclui-se que a criação de espaços culturais na escola é uma estratégia eficaz para a educação patrimonial e o fortalecimento da cultura amazônica.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Arte-educação; Cerâmica marajoara; Espaço cultural; Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte do projeto "Poéticas Modernas na Amazônia: o Grupo Neomarajoara", desenvolvido na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFGPA), que articula a pesquisa sobre a cerâmica marajoara em um contexto escolar e discute a influência da cultura marajoara na contemporaneidade (VASCONCELOS et al.,

¹ Universidade Federal do Pará - Licenciando em Licenciatura em Artes Visuais / fiscalarte192@gmail.com

² Universidade Federal do Pará - Licenciando em Licenciatura em Artes Visuais / erik.alves@uepa.br

³ Universidade Federal do Pará - Licenciando em Licenciatura em Artes Visuais / ivsonribeiro1@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Pará – Doutora em Arte (PPGARTES/UFPA) / Professora da Escola de Aplicação da UFPA / rcabralfranca12@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Pará – Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRJ) / Professora da Escola de Aplicação da UFPA / juniabbv@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Pará – Doutora em Artes (PPG/UFMG) / Professora do curso de Educação e Licenciatura em Artes Visuais da UFPA /

2025). A experiência aqui relatada, realizada entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026, teve como foco as turmas do 4º ano do Ensino Fundamental e a criação de um espaço expositivo na própria escola, como alternativa à dificuldade de acesso dos alunos a museus e centros culturais.

A inserção da temática indígena no currículo escolar, em especial a cultura marajoara e icoaraciense, tem grande importância no contexto paraense, onde a herança dos povos originários constitui elemento fundante da identidade regional. Conforme Gallois (2008), o patrimônio cultural indígena deve ser abordado na educação básica não apenas por seu valor estético, mas como forma de reconhecimento da diversidade e combate a preconceitos historicamente arraigados. No Pará, essa discussão ganha contornos ainda mais significativos, pois a arte marajoara, como argumenta Linhares (2024, p. 4), já foi considerada sinônimo de "ser brasileiro" em determinado momento histórico, reafirmando seu papel na construção de uma identidade nacional a partir de raízes amazônicas.

Diante desse diverso patrimônio cultural e da impossibilidade de levar os alunos a museus, emergiu a questão norteadora deste trabalho: como a criação de um espaço expositivo na própria escola pode contribuir para o ensino-aprendizagem da cultura marajoara e icoaraciense? Para responder a essa pergunta, estabeleceu-se como objetivo geral compreender a importância de um espaço museal escolar que articule artes visuais, cerâmica e grafismo, propondo uma experiência pedagógica para turmas do 4º ano do ensino fundamental. A partir dessa iniciativa, buscou-se não apenas transmitir conteúdos, mas proporcionar uma vivência estética e cultural que aproximasse os alunos do fazer artístico e da história de seus antepassados.

A relevância deste estudo justifica-se por sua contribuição para a educação patrimonial e para o fortalecimento da identidade cultural amazônica. Ao propor a criação de um espaço expositivo dentro da escola, o trabalho dialoga com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente as habilidades EF15AR01 (identificar e analisar manifestações artísticas) e EF15AR02 (criar produções artísticas a partir de referências culturais), que orientam o trabalho com arte nos anos iniciais do ensino fundamental. Ademais, conforme aponta o artigo da Funarte (2025), estratégias pedagógicas que aproximam os alunos do patrimônio material e imaterial são fundamentais para a construção de uma educação significativa e contextualizada.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, optou-se por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, desenvolvida em múltiplas etapas. Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a cerâmica marajoara, a produção icoaraciense e o ensino de arte. Em seguida, procedeu-se à pesquisa de campo no Complexo do Paracuri, com visitas a quatro olarias e entrevistas com mestres ceramistas, o que permitiu a aquisição de peças para compor a exposição. A partir desse material, elaborou-se um plano de aula fundamentado na Abordagem Triangular (apreciação, contextualização e fazer artístico), conforme proposta de Ana Mae Barbosa (2020). A regência foi realizada em três encontros com cada turma, totalizando 4h30 de atividades teórico-práticas, e a avaliação ocorreu de forma processual, considerando a participação, a reflexão crítica e as produções dos alunos.

O referencial teórico que embasa esta pesquisa articula diferentes campos do conhecimento. Para a compreensão da cerâmica marajoara e seu contexto arqueológico, recorreu-se a Schaan (1999, 2009) e Amorim (2010); para a análise dos grafismos como sistema simbólico, Schaan (1999, 2009) e Gomes (2016) oferecem contribuições fundamentais, dialogando com a antropologia da arte e os estudos sobre cosmologia ameríndia. A produção contemporânea de Icoaraci é abordada a partir da pesquisa de campo documentada por

Vasconcelos et al. (2025). No campo da educação em artes visuais, Ana Mae Barbosa (2020) fundamenta a abordagem metodológica adotada.

DISCUSSÕES

Propusemo-nos, nas aulas de arte dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, à inserção dos conteúdos de cerâmica e grafismo por meio de uma aula expositiva e da construção de um espaço de exposição com peças marajoaras e icoaracienses. O tema "Arte Marajoara e Icoaraciense" foi apresentado aos alunos em dois encontros: o primeiro de caráter teórico e o segundo voltado à prática artística e à montagem da exposição.

Na aula teórica, apresentamos um panorama histórico da Arte Marajoara com imagens, vídeos e objetos, contextualizando a origem e os símbolos mais recorrentes nas cerâmicas, herança dos povos originários. Diante das diferentes imagens apresentadas, os alunos puderam discutir o valor cultural da arte marajoara para cada um, destacando aspectos como simbolismo, técnicas e função social das peças. Foram apresentados também os quatro tipos de cerâmica produzidos atualmente em Icoaraci — a utilitária, a arqueológica, a icoaraciense e a de traço contemporâneo —, especificando suas finalidades e regiões de origem.

As práticas realizadas em sala envolveram exercícios de modelagem com argila, grafismo e pintura. Cada aluno criou uma peça inspirada em formas marajoaras, como potes, jarros e esculturas decorativas, aplicando grafismos e pintura. A atividade prática despertou extremo interesse nos alunos, que puderam construir suas peças e relacionar a ação com o conteúdo teórico estudado, conseguindo êxito no processo de modelagem.

No segundo encontro, realizamos a montagem de um espaço expositivo com peças de cerâmica de diferentes mestres do distrito de Icoaraci, obtidas por meio de empréstimos e doações. O ambiente foi organizado de modo a simular um pequeno museu, com curadoria compartilhada entre estagiários e professora supervisora. Os estagiários organizaram a disposição das peças, da elaboração de pequenas cédulas explicativas e da organização do ambiente. Durante a visita à exposição, os alunos demonstraram encantamento ao reconhecer, nas peças dos mestres ceramistas, os elementos estudados em sala. A interação foi marcada por perguntas curiosas sobre os processos de produção, a origem das argilas e os significados dos grafismos.

Muitos alunos estabeleceram comparações entre a aula teórica e o momento da exposição. A exposição funcionou como um momento de discussão e apreciação sobre arte marajoara e icoaraciense. As crianças puderam falar sobre o que aprenderam, criando um ambiente de troca e construção coletiva do conhecimento.

A experiência evidenciou que a exposição, enquanto espaço museal temporário dentro da escola, potencializa o aprendizado ao materializar os conceitos estudados. Diferente da aula exclusivamente expositiva, o contato direto com os objetos cerâmicos — seu volume, textura, peso e detalhamento — proporcionou uma experiência sensorial que ampliou a compreensão estética e histórica dos alunos. A materialidade das peças convidou a um olhar mais atento e respeitoso, promovendo uma relação afetiva com o patrimônio cultural.

Além disso, a exposição revelou-se uma poderosa ferramenta pedagógica ao estimular múltiplas linguagens: os alunos não apenas observaram, mas também desenharam as peças, escreveram sobre elas e explicaram seus significados aos colegas e professores visitantes. Esse exercício de mediação informal desenvolveu habilidades comunicativas e fortaleceu a autoestima das crianças, que se viam como guardiãs temporárias daquele conhecimento. A experiência também favoreceu a compreensão do museu como um espaço vivo e acessível, desmistificando a ideia de que a arte e a cultura estão restritas a instituições distantes de sua realidade.

Por fim, a construção coletiva do espaço museal na escola reafirmou a importância de metodologias participativas no ensino das artes. Ao se envolverem em todas as etapas — do

estudo teórico à produção artística e à montagem da exposição —, os alunos desenvolveram uma relação de pertencimento com o conhecimento construído. A experiência demonstrou que a escola pode (e deve) funcionar como um território de preservação e reinvenção cultural, formando sujeitos sensíveis, críticos e capazes de valorizar as múltiplas expressões artísticas de sua região.

A escola, como espaço de construção de conhecimento e identidade, possui um papel fundamental na preservação e difusão da cultura marajoara e icoaraciense. A inserção dessas manifestações artísticas no currículo, conforme discutido por Braga (2017), pode atuar como uma política cultural, promovendo o contato direto dos alunos com a arte indígena e auxiliando no desenvolvimento do pensamento geométrico, histórico e geográfico. Um espaço museal dentro da escola, nesse contexto, transcende a mera exposição de objetos, tornando-se um laboratório vivo de aprendizagem.

A criação de um espaço expositivo na escola pode contribuir significativamente para o ensino-aprendizagem ao proporcionar uma experiência imersiva e tátil com a cerâmica. Conforme Souza (2017) e Oliveira (2013) sugerem, a exposição de produções artísticas na escola valoriza o ensino e a aprendizagem, permitindo que os alunos não apenas observem, mas interajam com as peças, compreendendo suas formas, técnicas e significados. Esse ambiente pode funcionar como um catalisador para a curiosidade, estimulando questionamentos e debates sobre a cultura indígena, a arqueologia e a produção artística contemporânea.

Além disso, um espaço museal escolar promove a educação patrimonial, um aspecto crucial para a formação de cidadãos conscientes. Ao aproximar os alunos do patrimônio material amazônico, como a cerâmica marajoara e icoaraciense, a escola fortalece a identidade cultural e o respeito à ancestralidade.

Castro (2018) destaca que projetos educacionais que integram arte e arqueologia são estratégias válidas para uma relação mais próxima com o patrimônio, extrapolando disciplinas e estimulando o pensamento crítico e o fim de estereótipos em relação aos povos indígenas. Um museu escolar pode ser o local onde essa conexão se torna tangível, permitindo que os alunos se percebam como parte de uma história cultural rica e contínua. Finalmente, a construção de um espaço museal de ensino de cerâmica e arte marajoara e icoaraciense na escola não apenas enriquece o currículo, mas também posiciona a instituição como um polo de irradiação cultural.

Ao valorizar e expor a produção local, a escola contribui para a legitimação da arte popular e para o reconhecimento do trabalho dos artesãos de Icoaraci. Esse ambiente pode inspirar os alunos a se tornarem futuros artistas, pesquisadores ou defensores do patrimônio cultural, garantindo que a beleza e o significado da cerâmica marajoara e icoaraciense continuem a ser apreciados e transmitidos às próximas gerações. É, portanto, um investimento na educação, na cultura e no futuro da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio supervisionado em Artes Visuais, ao propor a criação de um espaço museal dentro da Escola de Aplicação da UFPA, confirmou a relevância de estratégias pedagógicas que aproximem os alunos do patrimônio cultural material e imaterial da Amazônia. Diante da impossibilidade de acesso a museus formais, a exposição "Mãos que Contam Histórias" revelou-se uma alternativa eficaz para o ensino da cerâmica marajoara e icoaraciense, permitindo que os estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental vivenciassem, de forma sensorial e participativa, os elementos estéticos, simbólicos e históricos dessa tradição. A imersão proporcionada pelo contato direto com as peças – sua textura, volume e grafismos – superou os limites da aula expositiva, materializando conceitos e promovendo uma relação afetiva com a herança cultural dos povos originários. Dessa forma, o objetivo geral de

compreender a importância desse espaço foi alcançado, evidenciando que a escola pode e deve atuar como um território de preservação e reinvenção cultural.

A adoção da Abordagem Triangular – articulando apreciação, contextualização e fazer artístico – mostrou-se fundamental para o êxito da proposta. Os alunos não apenas observaram as cerâmicas, mas também as desenharam, modelaram suas próprias peças, exercitando múltiplas linguagens e desenvolvendo habilidades.

Por fim, os desdobramentos desta prática apontam para a necessidade de políticas pedagógicas que integrem permanentemente espaços culturais no ambiente escolar, em consonância com as diretrizes da BNCC, especialmente no que se refere às habilidades de identificação, análise e criação artística. Ao valorizar a produção dos mestres ceramistas de Icoaraci e ao posicionar a escola como pólo de divulgação cultural, a iniciativa contribui para a legitimação da arte popular e para a formação de sujeitos sensíveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. A. C. et al. Grafismo marajoara no ensino fundamental: relato de experiência do estágio em Artes Visuais na EAUFGPA. In: FÓRUM DE PESQUISA E EXTENSÃO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA, 15., 2025, Belém. Anais... Belém: EAUFGPA, 2025.

AMORIM, Lilian Bayma de. Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio. Belém: Museu Emílio Goeldi, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BEZERRA, M. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 15, n. 3, e20190124, 2020. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0124.

BRAGA, W. R. A cultura-cerâmica icoaraciense na escola: a força pedagógica do currículo como política cultural. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

CASTRO, L. P. S. de. Arte e Arqueologia como Projeto Educacional na Amazônia. Revista Temporis[ação], Cidade de Goiás, v. 17, n. 2, p. 56-74, 2018.

FUNARTE. Arte e arqueologia como projeto educacional na Amazônia: experiências de mediação cultural em escolas públicas. Cadernos de Arte Educação, Rio de Janeiro, n. 15, p. 78-95, 2025.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Por que valorizar patrimônios culturais indígenas?. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 60, n. 4, p. 32-36, out. 2008.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica. MANA, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 671-703, 2016.

MARTINS, M. S. A realidade dos incentivos culturais no polo cerâmico de Icoaraci. 2010. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

OLIVEIRA, D. R. O espaço expositivo das produções artísticas dos alunos nas escolas do município de Maracajá. 2013. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2013.

SCHAAN, Denise Pahl. Cultura Marajoara. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

SILVEIRA, Edyr Proença da. Ceramistas de Icoaraci e o movimento Neomarajoara. Belém: EDUFPA, 2007.

SOUZA, A. J. B. de. A arte marajoara nas aprendizagens visuais. Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2017.

VASCONCELOS, Júnia de Barros Braga et al. O barro nas aulas de artes visuais: influências da arte marajoara na formação identitária paraense. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 25., 2025, João Pessoa. Anais... João Pessoa: CONFAEB, 2025.